

SILVA, Deonísio da. **Goethe e Barrabás**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008. 190 p.

Suzana Raquel Bisognin Zanon (URI/ FW)

O texto literário **Goethe e Barrabás** pode ser considerado o protótipo do romance contemporâneo. Personagens fragmentados, estrutura textual que causa estranhamento no leitor, a amálgama entre temas distintos, porém, constituintes de uma única essência. Enfim, estratégias de um autor que vive em um mundo díspar e fragmentado.

Nascido em Santa Catarina em 1948, Doutor em Letras e, atualmente, professor da Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro, cidade na qual reside desde 2003, Deonísio da Silva tem suas obras reconhecidas pela irreverência, ironia e sarcasmo presentes em suas narrativas. Dentre elas, encontram-se presentes **Exposição de motivos** (1976), **Avante soldados para trás** (1992) e **Os guerreiros do campo** (2000).

Publicada em 2008, **Goethe e Barrabás** demarca uma nova fase do escritor. Ao contrário dos romances anteriores, como **Avante soldados para trás**, texto em que reside uma visão carnavalizada de mundo enaltecido pelo universo que permite unificar as relações de homens separados pela guerra (Guerra do Paraguai) numa dimensão na qual o afeto entre esses inimigos não deixa de estar presente neste pano de fundo. Daí, o delineio deste romance enquanto universo ao avesso.

Composto por dezessete capítulos, o romance em questão gira em torno do personagem Barrabás, professor universitário, já com seus cinquenta anos, e que torna uma possível visão do *alter ego* do autor no texto. A jovem Salomé faz parte do substrato narrativo, assumindo um duplo papel no romance, a de amante de Barrabás, e a de mulher que se torna o símbolo da busca de um amor de verdade.

“Trinta dinheiros”, quantia suficiente para entregar a alma ao diabo, torna-se o âmagô que impulsiona o texto literário **Goethe e Barrabás**. O ‘clarão’ edificado por Goethe na vida de

Barrabás faz com que o personagem reflita sobre sua existência e a de seus companheiros que, em sua maioria, adoram fazer negócios com o diabo.

Deonísio abre espaço a uma “brincadeira” entre personagens e autores de romances canônicos, sejam eles da literatura clássica ou da própria Bíblia. A avó moderninha, o homem que faz negócio com o diabo e o padre que desobedece o sacerdócio são alguns dos personagens presentes no desenvolvimento da trama, os quais são capazes de desencadear um universo de permissividades e, não obstante dialogarem com o romance trágico **Fausto** (1806), Salomé e Barrabás, estes últimos personagens bíblicos.

Através da metáfora da crucificação de Cristo, Deonísio da Silva permite que resida no texto o questionamento dos seres humanos frente a situações que assinalam as escolhas individuais, vejamos: “Crucificam primeiro os outros três, mas no fim também a mim [...] não é justo lembrar de um apenas, por mais importante que seja, e esquecer todos os outros”(p.135). É sob este ponto de vista que Deonísio da Silva induz o leitor ao questionamento a respeito de estarmos, nós, dispostos a sermos “crucificados” de diversas maneiras; de que ninguém está livre de errar ou sofrer desaprovações injustamente.

A amálgama entre o universo religioso e literário se torna visível na medida em Goethe, pensador e escritor alemão do século XVII, criador do personagem Fausto, que vende a alma ao diabo, faz parte do universo existencial do personagem Barrabás. Assim, o romance se torna um jogo de visões e posicionamentos através desta intertextualidade, oriundo do diálogo entre os textos. Ademais, é sob este ponto de vista que se torna justificável o título da narrativa.

A linguagem do texto é, sem sombra de dúvidas, indecorosa e nada acanhada pela parte do autor, mas quando nos referimos a Deonísio da Silva, isto não se torna novidade. Afora isso, o autor assume o seu posicionamento de esquerda, sem recato algum: “[...] todo autoritário é intuitivo muito comigo: sabe que eu não confio nele! - Ainda mais se é corrupto, Bar, ainda mais se é mensaleiro. – É mesmo! Conseguiram colocar uma palavra nova na língua portuguesa! Ano de entrada: 2004.”(p.31)

Subjaz, em **Goethe e Barrabás**, a crítica contra a realidade na qual o mundo atual se encontra, da desigualdade, violência, corrupção e fome: “[...] se Jesus vivesse hoje, não se falaria em cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, mas em frangos que fazem a mesma coisa,

que o maior pecado do mundo é a fome.” (p.26). O ser humano é representado de uma maneira insólita, na qual o conhecimento e sabedoria humana, segundo o texto, estão muito distantes de nosso alcance e do que esperamos, para ele, “O reino animal repetia o humano” (p.80).

A narrativa em questão pode ser indicada para estudos históricos, sociológicos, filosóficos e literários. Para quem gosta de humor e sarcasmo, eis um ‘prato cheio’ para uma boa leitura, através de um texto que impulsiona o senso crítico do leitor diante de um arsenal artístico movido pelos acontecimentos vergonhosos, que não se encontram em voga somente na atualidade, mas sim germinam desde os primórdios de nossa civilização. Afora isso, conhecimento e escolhas certas andam, ou melhor, deveriam andar juntas ao longo da trajetória humana.